

Manifesto de Tecido: A moda de Zuzu Angel e a ditadura civil-militar¹

Rodrigo Rui Simão de Medeiros, UERN²

Resumo

O seguinte trabalho pretende analisar um dos episódios mais marcantes da moda brasileira no século XX, a coleção-protesto da estilista Zuzu Angel, desfilada em 1971. A inquietação para esta pesquisa partiu da pergunta: Zuzu Angel teve sua moda realmente censurada pelas forças do período militar? Desta forma, analisamos sua trajetória enquanto designer de moda, sua consolidação e influência no mercado brasileiro, e o papel que seu filho Stuart Angel possuía na oposição ao regime, que resultaria em sua morte, e assim, levando a estilista a procurar formas de denunciar a ditadura, e encontrando na moda uma forma de criar um manifesto de tecido contra o regime.

Palavras-chave: Moda, Zuzu Angel, Ditadura civil-militar, Imprensa.

Abstract

This work intends to analyze one of the most memorable episodes of Brazilian fashion in the 20th century, the protest collection by stylist Zuzu Angel, paraded in 1971. The concern for this research came from the question: Did Zuzu Angel have his fashion really censored by the forces of the military period? Thus, we analyze your trajectory as a fashion designer, your consolidation and influence in the Brazilian market, and the role that his son Stuart Angel had in opposing the regime, which would result in his death, and so, leading the stylist to look for ways to denounce the dictatorship, and finding in fashion a way to create a fabric manifesto against the regime.

Keywords: Fashion, Zuzu Angel, Dictatorship, Press.

Introdução

O sistema de moda diz muito sobre nossa sociedade ocidental, o meio social e cultural reflete diretamente na indumentária, que além de servir como divisora de classes sociais, também é incumbida na distinção de gênero e de cultura, por exemplo. Desta forma, nos atentamos para a importância do estudo do vestuário na História, como diz o historiador francês Fernand Braudel, a História do vestuário “levanta todos os problemas, os das matérias-primas, dos processos de fabrico, dos custos de produção, da fixidez cultural, das modas, das hierarquias sociais”. Estudar a indumentária é estudar a sociedade” (BRAUDEL, 2005, p. 281). Assim como também diz a historiadora Daniela Calanca em sua obra *História Social da Moda*, onde afirma que a história da moda é “história de projetos de vida, a história de como éramos e também de como poderemos e poderíamos ser, uma chave para compreender as transformações da cultura” (CALANCA, 2011, p. 38).

¹ Artigo fruto de uma adaptação da monografia de conclusão de curso de minha autoria, defendida em 2019, intitulada “Panos vermelhos, bandeiras de sangue: política e resistência na moda de Zuzu Angel (1966-1976)”, orientada pelo prof. Dr. André Bonsanto Dias.

² Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: rodrigorui19980@outlook.com

Além da leitura da moda enquanto uma construção social e fruto da cultura na qual ela está inserida, ou influenciada por outras culturas, também podemos ler e analisar a moda enquanto uma linguagem e objeto de comunicação. Deste ponto de análise, a vestimenta seria compreendida enquanto uma linguagem que serviria para distinguir os indivíduos no mesmo meio social, e ali seria passada uma mensagem, seja para expressar privilégio social, gosto pessoal, assim como demarcar a qual cultura aquele indivíduo pertence. Assim, a roupa seria trabalhada enquanto objeto comunicacional.

A peça de roupa [...], é então o meio pelo qual uma pessoa manda uma mensagem a outra. É por meio da roupa que uma pessoa tenciona comunicar suas mensagens a outra. A mensagem, assim, é uma intenção da pessoa e é isso que é transmitido pela roupa no processo de comunicação. A mensagem é também, naturalmente, aquilo que é recebido pelo receptor (BARNARD, 2003, p. 52).

Desta forma, compreendemos que a moda é indispensável para uma análise mais apurada da sociedade na qual vivemos, e de sua história. Tendo isso em vista, pretendemos analisar um acontecimento importante na História da moda brasileira, com o enfoque na *designer* Zuzu Angel, que fora de bastante relevância para nossa cultura, e precursora de um movimento para a construção de uma moda brasileira, nos anos 60 e 70 do século XX. Tendo isso em vista, analisamos neste trabalho não somente a trajetória profissional de Zuzu Angel, mas, como a ditadura civil-militar e o contexto da época influíram em suas criações. Como também analisar de que forma sua moda comunicou sobre o que estava acontecendo no país, e assim disseminando a ideia de uma vestimenta com estratégia política. A moda a ajudaria em sua busca pelo filho, como também no papel de tecer críticas ao governo autoritário do país. E desta forma, pretendemos trazer um panorama da História da moda no Brasil, utilizando na execução desta pesquisa fontes imagéticas, em sua maioria encontradas no acervo digital do Instituto Zuzu Angel (IZA), e matérias do *Jornal do Brasil*, importante periódico que circulava no Rio de Janeiro da época, encontrada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN).

Historicizar a moda

A moda como conhecemos hoje se constituiu como tal a partir do final da Idade Média e início da Idade Moderna, e ganhou este caráter efêmero de mudanças na Corte francesa, e assim foi se difundindo, por meio da burguesia. Desta forma, a moda começou a ganhar suas características de extravagância e de divisão de classes, para mostrar a superioridade da monarquia e da burguesia europeias para com a classe mais popular. Contudo, após a

Revolução Francesa de 1789, a moda passou por um momento de freio e democratização. A extravagância já não era mais tão admirada, pelo contrário, era vista com maus olhos. Entretanto, na segunda metade do século XIX esta moda de elite retomou sua força, principalmente com a criação da *Haute Couture* (Alta-costura), pelo costureiro inglês Charles Worth.³ Assim sendo, a moda se consolidou como uma instituição importante do nosso meio social.

Segundo o filósofo norueguês Lars Svendsen, em sua obra *Moda: uma filosofia*, a Moda “não é só uma questão de roupas e seria melhor considerá-la um mecanismo ou uma ideologia que se aplica a quase todas as áreas concebíveis do mundo moderno” (SVENDSEN, 2010, p. 12). Com base nessa afirmação, iremos compreender que este fenômeno pode abarcar diversas áreas, e não somente a vestimenta, mas, também, a forma como comemos, músicas que ouvimos, tendências que seguimos. O autor continua:

“Moda” é um termo notoriamente difícil de definir com precisão, e é extremamente duvidoso que seja possível descobrir as condições necessárias e suficientes para que possamos considerar, de forma embasada, que alguma coisa está “na moda”. De maneira geral, podemos distinguir duas categorias principais em nossa compreensão do que é moda: podemos afirmar que ela se refere ao vestuário ou que é um mecanismo, uma lógica ou uma ideologia geral que, entre outras coisas, se aplica à área do vestuário (SVENDSEN, 2010, p. 12).

Levando isto em conta, podemos analisar a moda como algo que vai muito além do vestuário, adentrando no âmbito político, econômico, social e cultural. Porém, mesmo se considerarmos a moda como algo ligado somente ao vestuário, esta também estaria inserida em todas as áreas citadas acima. A Moda foi criada no mesmo momento que os primeiros homens adotaram o ato de vestir? Em sua dissertação de mestrado intitulada *No Mundo das Aparências: uma análise do discurso publicitário de moda*, Gesiel Prado traz uma breve análise sobre.

Os primeiros indícios daquilo que posteriormente será a moda brotam da necessidade de diferenciação. Essa vontade está atrelada, principalmente a dois fatores: o advento das cidades e dos espaços urbanos na Renascença, no final da Idade Média e a ascensão econômica da burguesia. A organização da vida em espaços urbanos promove a aproximação entre os indivíduos, daí o anseio pela distinção, do tornar-se único em meio a tantos (SANTOS, 2009, p. 54-55).

³ Setor da indústria têxtil, envolvendo tecidos, as fábricas e especialmente os costureiros, que confeccionam roupas de alto luxo, feitas à mão e com exclusividade (CRUZ, 2013). Em plena segunda guerra mundial, o governo Nazista quis levar a Alta Costura para a Alemanha, resultando na criação de uma série de regras por parte do Sindicato da *Haute Couture* que só permitirá a Alta Costura ser feita em Paris, como é até hoje.

Seguindo esta análise de Gesiel Prado, considerando a criação da Moda como forma de distinção entre indivíduos, seja distinção cultural, social ou de classe. Neste sentido, podemos compreender que a Moda deseja expressar algo, como uma *linguagem do corpo*, como diz Daniela Calanca em sua obra *História Social da Moda* “A roupa, portanto, pode ser definida como a forma do corpo revestido e, a partir dessa definição, a moda, por sua vez, pode ser definida como uma linguagem do corpo” (CALANCA, 2011, p. 19). Tendo isso em vista, temos aqui um dos vários conceitos do que é moda, enquanto subjetividade do homem, que não está somente atrelada ao ato de vestir-se, mas a uma vasta gama de costumes de uma determinada cultura e sociedade.

Contudo, em meados da primeira metade do século XX – especialmente no início da segunda metade – o caráter efêmero da moda se expandiu, tendo em vista que as vestimentas estariam sendo confeccionadas em grande escala, e com o objetivo de durar menos. Com coleções sendo lançadas em curto espaço de tempo, a moda passou a estar em constante metamorfose. Desta forma, o universo da moda se expandia cada vez mais, fazendo parte do cotidiano de grande parcela da população mundial. Dito isto, compreendemos que esta foi uma das formas pela qual o poder da vestimenta foi difundido, passando assim a interferir diretamente na vida da população.

Este tipo de moda difundida mundialmente, principalmente com influência europeia, interferia fortemente no que era criado no Brasil, pois, a vestimenta brasileira até a segunda metade do século XX, em sua maioria bebia diretamente das criações europeias. Dito isto, desde o século XIX, com a chegada da família real e a difusão da moda e dos costumes europeus em nosso país, costumes que eram considerados civilizados na visão deles, passaram a serem costurados no modo de vida dos brasileiros. Porém, com o decorrer dos anos e o sentimento do “novo” nunca chegando, pois, a vestimenta no Brasil ainda era predominantemente influenciada pela França, surge na segunda metade do século XX uma ideia de construir uma moda que não seria colonizada, mas genuinamente brasileira.

Na Europa tentava-se construir uma moda que não fosse voltada somente para a elite, assim, constituía-se um processo de ruptura com a hegemônica *Haute Couture*, mas crescendo o mercado do *Prêt-à-porter*⁴. Deste modo, trazendo para o contexto brasileiro, temos a estilista Zuzu Angel, que como já citado, foi uma das precursoras do movimento que tentava construir uma moda tipicamente brasileira. Abordando aspectos da cultura brasileira, como o

⁴ Tipo de roupa comprada pronta em loja que segue as mesmas tendências da alta costura. Palavra francesa que significa “pronto para usar”. Foi criada no início da década de 1950. O equivalente do inglês é “ready to wear”. Palavra fruto da industrialização da moda (CRUZ, 2013).

cangaço, as baianas, e a fauna e flora do país, a *designer* tentou criar estas indumentárias que tivessem uma identidade brasileira. Como podemos observar na matéria do *Jornal do Brasil*, Zuzu Angel conseguiu iniciar uma ruptura no modo de fazer moda no Brasil, ainda que não totalizante, trazendo aspectos característicos do nosso país.

Zuzu Angel é um nome que se está impondo no campo da moda carioca, com criações da alta costura cheias de bossa e requinte, tanto no que se refere à criação como a execução. É justamente o que faltava por aqui, pois sempre as mulheres nesse ramo se limitavam a copiar os grandes costureiros internacionais, deixando os louros da profissão para os homens (JORNAL DO BRASIL, 7 de agosto de 1966, p. 42).

Figura 1 – Editorial Manchete 1 (1970)



Figura 2 – Editorial Manchete 2 (1971)



Fonte: Valentim/acervo Instituto Zuzu Angel⁵

Conforme podemos analisar nestas roupas que foram criações da estilista, vemos certas influências nacionais e internacionais. Como o *Kimono* com franja (figura 2) que remete bastante as vestimentas *hippie*, assim como peças de *crochê* e renda. Como também um vestido florido acompanhado de uma confortável sandália (figura 1), trazendo um ar tropical para a vestimenta. Porém, a maquiagem e o cabelo das modelos ainda remetem bastante ao que circulava na Europa da época, assim como as influências *hippie*. Nota-se aqui uma tentativa da *designer* de construir uma moda brasileira, no entanto, que ainda carregava consigo alguns conceitos de beleza europeus e norte-americanos.

Desta forma, vemos que uma das precursoras deste movimento de confecção de uma moda brasileira foi Zuzu Angel, que por meio de suas coleções apresentava um Brasil cheio de cores e de vida, trazendo grande sucesso para si, contrapondo ao contexto político e social pelo qual passava o país desde 1964, ano do golpe militar. Porém, a conjuntura pela qual o Brasil estava passando influenciou em suas criações, trazendo para a moda da estilista um aspecto de crítica política, que interviria direta e indiretamente em sua vida profissional e

⁵ Figuras 1 e 2 disponíveis em < <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/zuzu-angel/eu-sou-a-moda-brasileira/> > Acessado em 29/05/2019.

pessoal. Zuzu Angel utilizou este contexto do país, e o desaparecimento de seu filho Stuart Angel como peças-chave para construir em sua moda um manifesto político, em forma de arte, dentro da sua coleção intitulada *International Dateline Collection III – Holiday and Resort*, desfilada na cidade de Nova York, em 1971.

Vestidos de inquietude

As criações de Zuzu Angel trouxeram para si fama e sucesso no mundo da moda. Porém, mesmo com o sucesso e reconhecimento que o *boom* econômico do país causou em sua carreira, a vida da estilista sofria uma dualidade. Por um lado, este reconhecimento a fazia crescer no sistema de moda nacional e internacional, e por outro lado o contexto político e social do país interferia diretamente em sua vida, de modo positivo e negativo. Como nos diz Almeida e Weis (2002) “A combinação de autoritarismo e crescimento econômico deixou a oposição de classe média ao mesmo tempo sob o chicote e o afago” (ALMEIDA; WEIS, 2002, p. 319-409).

Zuzu Angel fazia parte desta parcela da população que estava entre o “chicote e o afago”, como uma estilista que atendia a elite brasileira, e também figuras ligadas diretamente ao governo militar, como a esposa do presidente militar Costa e Silva. Esta classe média era muitas vezes composta por pessoas que estavam incomodadas com o governo ditador que estava em domínio do país, porém, ao mesmo tempo, alguns usufruíam dos benefícios que aquele governo havia trazido, como a expansão econômica.

Podemos analisar que Zuzu Angel possuía ligação indireta com o regime autoritário que assolava o país, como nos mostra uma matéria retirada do *Jornal do Brasil* de 1967 “José Ronaldo faz o vestido de Dona Iolanda Costa e Silva para o dia da posse; Zuzu Angel o do resto da família” (JORNAL DO BRASIL, 09 de março de 1967, p. 23). A *designer* criava roupas para a elite militar da época, assim transitando por estes espaços de poder ligados ao regime militar. Por outro lado, seu filho militava em movimentos que eram contra aquelas figuras que estavam adquirindo sua moda. Assim, em 1971, seu filho é perseguido e acaba desaparecido. Zuzu Angel confeccionava uma moda sem viés político, no entanto, o contexto do país e o fato da prisão de seu filho a iriam fazer tomar uma nova orientação em seus trabalhos, usando sua arte como principal arma de protesto, construindo assim uma moda política.

Se existia alguma especulação de que o regime logo iria acabar, esse pensamento se esvaiu com a criação do Ato Institucional N° 5 (AI-5), e se reforçou com a “eleição” do

presidente Médici em 1969, que posteriormente ficaria conhecido como o mais “carrasco” dos presidentes do período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Em contraponto, a oposição ao Estado autoritário se intensificou, e muitos foram os setores da sociedade que se rebelaram contra o governo, como boa parte da Igreja Católica, universitários e artistas. Esta oposição foi fortemente reprimida pelas forças do governo, constantemente acometida por prisões e por torturas.

A violência física não foi produto de excessos, cometida aqui e ali por oficiais e policiais violentos ou por pessoas doentes de sadismo, embora elas não faltassem nas obscuras, fedorentas e geladas câmaras de tortura. Mas de uma política calculada, pesada e definida pelos altos responsáveis da Nação e na sua prática se envolveram não apenas bestas feras, mas também honrados pais de família, e jovens oficiais das forças armadas, peritos nas técnicas de informação e contrainformação, e médicos que aconselhavam prudência ou ousadia, segundo avaliações precisas que faziam a respeito da resistência do preso, e escreventes, e soldados, e toda uma caterva de ajudantes e auxiliares, uma galeria de tipos que, embora envolvidos naqueles crimes, não perdiam o apetite, nem o senso do dever, nem as responsabilidades familiares (FILHO, 2013, p. 1).

Com o fortalecimento da repressão, houve também a intensificação do combate a estas práticas. Muitos grupos e movimentos de esquerda optaram por radicalizar a luta, pois viam na guerrilha a principal forma de destruir o regime militar que estava instaurado no país desde 1964. Desta forma, alguns grupos tomaram forças e ganharam muitos adeptos, como a Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8). Estes movimentos eram em boa parte constituídos por estudantes universitários, filhos da classe média.

Essa oposição de classe média, que era bastante expressiva no ciclo das artes e cultura, iria sentir o peso da censura, que não afetou somente a mídia impressa, como os periódicos, mas, também, artes visuais, artes plásticas, literatura, entre outros, pois “A lei da censura prévia para livros e publicações foi instituída em 1970, e determinava que os editores enviassem para Brasília, antes da publicação” (SCHWARCZ; STARLING, 2014, p. 464). Os censores do Estado autoritário brasileiro teriam que analisar o produto, para aprovar ou não sua circulação.

Dito isto, podemos ter uma noção da dimensão da censura no período da Ditadura Civil-militar brasileira, como diz Maria Aparecida de Aquino “De 1968 a 1972 tem-se uma fase inicial em que há uma estruturação da censura, do ponto de vista legal e profissional [...], o ano de 1972 marca a radicalização e a instauração da censura prévia” (AQUINO, 1999, p. 212). O regime militar brasileiro trabalhava com o encarceramento de ideias, tanto com a

prática de censura, tortura, e prisões, sendo uma de suas mais fortes características a censura, assim como a perseguição de ideias dissidentes. Dentre estes perseguidos, presos e torturados, estava o estudante Stuart Angel.

Stuart Edgard Angel Jones, filho de um norte-americano e de Zuzu Angel, era estudante de Economia da UFRJ, e militava no Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), um movimento composto por maioria de estudantes e construído por dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Stuart Angel foi casado com a também guerrilheira Sônia Maria Jones, militante da Aliança Libertadora Nacional (ALN), com quem entrou na clandestinidade no começo da década de 1970, pois estava sendo procurado por uma suposta participação no sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, em 1969. O jovem guerrilheiro usava os pseudônimos “Paulo” e “Henrique”, para não ser encontrado pelas forças repressoras do Estado autoritário brasileiro. Porém, em razão de sua militância, em maio de 1971 Stuart Angel é sequestrado e preso pelo governo, fazendo com que a estilista começasse sua busca pelo filho. No primeiro sinal dessa busca encontramos no *Jornal do Brasil*, em 11 de agosto de 1971:

MDB vai a Buzaid por jovem

O líder do MDB na Câmara, deputado Pedro Horta, na qualidade de membro nato do Conselho de defesa dos direitos da pessoa humana, encaminhou ontem ao ministro Alfredo Buzaid, presidente do órgão, representação, subscrita pela Sra. Zuleika Angel Jones (modista carioca Zuzu Angel) e pelo advogado Heleno Fragoso, dando conta da morte de Stuart Edgard Angel, de 26 anos, “o qual responderá a processos de infrações contra a Segurança Nacional;” (JORNAL DO BRASIL, 11 de agosto de 1971, p. 24).

Observamos aqui o princípio da busca de Zuzu Angel, onde a estilista procurou a justiça para tentar solucionar o caso que envolvia o filho, porém, sem muitos resultados. Em razão deste descaso da justiça para com a situação do seu filho, esta busca seria o pontapé inicial para uma crescente politização em seus trabalhos que ela desenvolveria dali em diante, enquanto uma *designer* de moda. Deste modo, em 1971 iniciou-se a sua busca pelo filho, que perpassaria o âmbito da justiça, da imprensa, e da moda, onde descobriu ali uma oportunidade de tecer um manifesto artístico contra a ditadura civil-militar.

As roupas-manifesto

Pensando em um desfile que faria em Nova York, Zuzu Angel viu ali uma oportunidade de atrair a atenção de algumas autoridades para o que estava acontecendo em seu país. Diante disto, o desfile foi adiado em alguns dias, possivelmente com a intenção de dar tempo para Zuzu Angel modificar boa parte de sua coleção, e com este fato, transformar

seu desfile em um importante episódio da História da moda brasileira. Como podemos ver na seguinte matéria do Caderno B do *Jornal do Brasil*:

A figurinista Zuzu Angel adiou para fins de setembro o desfile de sua *International Dateline Collection III*, marcada para o dia 7 próximo (Dia da Independência) nos salões do Gotham Hotel, movimentado centro de moda em Nova York. Para essa coleção, a terceira que Zuzu apresenta no exterior, a figurinista inspirou-se nos pássaros brasileiros, executando alguns de seus modelos em bordados do Norte do Brasil (JORNAL DO BRASIL, 19 de agosto de 1971, p. 49).

O desfile ocorreu em Nova York, porém, não como todos esperavam. A coleção com alegres pássaros, haviam sido substituídos por pássaros presos em gaiolas. Os anjos que sempre estampavam suas criações com alusão ao seu sobrenome, haviam se transformado em anjos ensanguentados, ao lado de caminhões de guerra e canhões. Os desenhos, feitos pela própria Zuzu Angel, pareciam feitos por uma criança, como se tivessem sido idealizados por seu “pequeno anjo”, o filho Stuart Angel.

A imagem de um Brasil cheio de alegria e de paz que a *designer* de moda reproduzia em suas coleções anteriores, neste fatídico momento havia sido trocada pela imagem de terror e de desordem, pela qual o país estava passando. A própria Zuzu Angel usou um vestido preto, remetendo ao luto que estava tendo que atravessar. No entanto, pesquisando nos jornais, em especial o *Jornal do Brasil*, vemos que um dos desfiles mais importantes da vida de Zuzu não havia sido noticiado no jornal como seus desfiles anteriores, que foram de menor importância na vida da estilista, com exceção de uma nota intitulada “*As manequins de Zuzu*”:

Entre as modelos que desfilaram a última coleção de Zuzu Angel, apresentada em Nova Iorque, estava Cathy Lindsay, filha do prefeito John Lindsay.

Também desfilou para Zuzu a atriz Tracy Swope, estrela de Quarenta Quilates e sobrinha de Helen Hayes (JORNAL DO BRASIL, 22 de setembro, p. 30).

Vemos aqui um exemplo do breve silenciamento da *designer* por parte da mídia impressa, que supostamente estava proibida de tratar do caso. Podemos afirmar que o fato de Zuzu Angel ter construído uma *performance* em seu desfile que remete a um protesto político estaria intrinsecamente ligado ao suposto silenciamento da própria nos jornais da grande imprensa? Como diz James N. Green, em sua obra *Apesar de Vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*:

Embora na fase inicial de sua odisseia em busca de Stuart o regime militar brasileiro tivesse proibido qualquer menção a ela nos meios de comunicação, a notícia de seu desfile de modas politizado, assim como de seus esforços para localizar o filho, se espalhou nos círculos de classe média antiditadura (GREEN, 2009, p. 428).

Como elucidado anteriormente, com o desaparecimento de Stuart, Zuzu Angel parte em uma intensa busca pelo corpo do filho. Desta forma, a *fashion designer* alterou alguns conceitos de sua coleção *International Dateline Collection III – Holiday and Resort*, que apresentou em meados de setembro de 1971, em Nova York, nos Estados Unidos, trazendo para a coleção aspectos da arte *naif*⁶, que remeteria ao que estava acontecendo no Brasil na época, que passava por duros anos sob o regime militar. A coleção foi dividida em três temas, o primeiro sendo *Holiday*, o segundo seria o *Resort*, e o terceiro e último deles seriam as “roupas de protesto”. As lúgubres vestimentas remeteriam à ditadura civil-militar na qual o Brasil estava refém desde o fatídico ano de 1964. De acordo com Braga e Prado (2011, apud LACERDA, 2011, p. 23):

Internacional Dateline Collection III – Holiday and Resort foi lançada em Nova York em 13 de setembro de 1971, na casa do então cônsul brasileiro. Tal coleção constava de duas partes, como o seu próprio nome complemento sugere. A primeira parte ou *Resort* apresentava roupas leves, usuais e apropriadas ao verão e ao lazer das férias. A segunda parte ou *Holiday* era composta por peças mais elaboradas, esvoaçantes, muitos vestidos em tecidos de seda e organza.

Vemos que o desfile teria seguido “normalmente”, sem muitas alterações, até chegar em sua terceira e última parte. Os anjos enclausurados e ensanguentados tomaram conta das roupas desfiladas na passarela, assim como os bordados de coloridos pássaros agora seriam expostos como pássaros negros. A constante alegria das vestimentas criadas por Zuzu Angel deu espaço para o luto.

Figura 3 – Vestido de protesto político de manga curta (1971)



Fonte: acervo digital do Instituto Zuzu Angel⁷

⁶ Diz-se do artista que não tem formação acadêmica e que opta por uma forma de representação semelhante à das crianças, muito minuciosa e de cores alegres. (CALADO; SILVA, 2005, p. 252)

⁷ Figura 3 disponível em: < <https://www.zuzuangel.com.br/vestuario/vestido-de-protesto-politico-manga-curta> > Acessado em: 16/01/2019.

O vestido de linho branco à primeira vista denota uma mensagem de paz e serenidade, remetendo ao angelical e ao divino. Zuzu Angel usou a tela branca das roupas para aplicar a sua arte. Os desenhos, que em sua maioria estão bordados com cores claras, traz uma estética agradável aos olhos. A simbologia toma conta das vestimentas, trazendo mensagens e significados sobre o que estava acontecendo no Brasil. As cores claras do vestido são agradáveis e dão um ar de pureza, já as costas nuas traz um ar mais adulto para a vestimenta. Os bordados dos desenhos são colocados de forma assimétrica, alguns muito separados uns dos outros, e outros muito próximos, talvez por escolha da própria *designer*, para ter a sensação de que os desenhos haviam sido colocados ali por uma criança. Barcos ornamentam o vestido, lembrando que Stuart Angel era remador do Flamengo. Um menino ostenta uma pipa na cor preta, e anjos e pássaros complementam diversas partes da roupa. Também podemos notar algo interessantes nos desenhos das imagens a seguir.

Figura 4 – Desenho técnico (1971)



Figura 5 – Vestido Político (1971)



Fonte: Acervo digital do instituto Zuzu Angel⁸

Podemos ver acima um desenho técnico⁹ de um dos bordados de outro vestido representado na figura 4, que está localizado abaixo do seio direito. No desenho vemos um tanque de guerra com as cores da bandeira do Brasil, e a bandeira do país tremulando acima do carro. Porém, um “x” corta a bandeira, e ao lado está escrito “modificar a bandeira”, e foi o que aconteceu, quando vemos a figura 5 e notamos que a bandeira do país estava modificada. Por que modificar a bandeira do país no desenho? Seria uma forma de retirada dos valores localizados nas formas do maior símbolo nacional? Não sabemos, porém, talvez esta poderia ser uma das formas de protesto da *designer*, fazer o desenho de uma bandeira sem

⁸ Figura 4 disponível em: < <https://www.zuzuangel.com.br/documental/desenho-tecnico-detanque-com-bandeira-2> > Acessado em: 17/01/2019.

⁹ O desenho técnico de Moda consiste em um esboço de uma roupa, tecido, ou de algum desenho ou bordado que será aplicado na vestimenta.

nacionalidade, não pertencente a um país específico. Porém, alguns *looks* do desfile foram um pouco mais “discretos” e com uma mensagem menos explícita, como na roupa abaixo, em uma fotografia tirada do próprio desfile.

Figura 6 – Blusa e saia xadrez (1971)



Fonte: Acervo digital do Instituto Zuzu Angel¹⁰

A blusa e a saia xadrez ornamentam este *look*, que são feitos por xadrez em tamanhos diferentes. O tamanho, a maquiagem e o cabelo remetem bastante ao que estava vigente na moda da época. A saia plissada curta mostra um pouco mais do corpo, e dá um ar mais despojado, ao passo que a blusa bufante com mangas compridas esconde a parte superior. A gola preta da blusa traz em si bordados um anjo, e um sol preso atrás de grades. Zuzu Angel tinha para si que o filho Stuart estaria preso, porém, não se sabia onde, e ela quis passar para o público esta mensagem, pois, o filho seria um preso político, e ela sabia o que acontecia com presos políticos em seu país. Contudo, havia a possibilidade de o filho já estar morto, o que remeteria ao luto, e desta forma a modelo utilizou no braço esquerdo uma braçadeira preta, talvez remetendo à prisão e ao luto por tempo indeterminado pelo qual Zuzu Angel estava passando. Este luto seria explicitamente remetido no vestido usado pela própria *designer*, como podemos ver abaixo.

Figura 7 – Vestido luto de Zuzu (1971)

¹⁰ Figura 6 disponível em: < <https://www.zuzuangel.com.br/documental/fotografia-de-modeloem-desfile-lancamento-da-colecao-international-dateline-collection-iii-holiday-and-resort> > Acessado em: 16/01/2019.



Fonte: Acervo digital do Instituto Zuzu Angel¹¹

O vestido acima foi usado pela própria Zuzu Angel no encerramento do desfile da coleção *International Dateline Collection III – Holiday and Resort*. O preto, que na cultura ocidental remete ao luto, traz uma forte imagem para a vestimenta, melancolia e tristeza revestem as costuras do vestido. Um cinto confeccionado com dezenas de crucifixos adorna a roupa, trazendo um ar ainda mais fúnebre para o desfile. E para finalizar, um colar colorido de anjo dá um destaque, em contraste com o xale preto, que cobria a cabeça da *designer*. E com todos estes ornamentos, estilista quis deixar claro para o público que ali acompanhava o desfile o que estava acontecendo em seu país de origem, porém, de modo sutil e artística, de forma que pudesse passar pela (auto)censura dos jornais, pois, aquilo poderia ter consequências diretas em sua vida. Então, de modo singelo e artístico, Zuzu Angel se manifestou politicamente contra o regime militar, ou, pelo menos, a situação ao qual se encontrava o filho, enquanto preso político.

As roupas silenciadas

Nos atentamos em pesquisar no *Jornal do Brasil* e em alguns outros jornais a repercussão ou o silenciamento pelo qual a *designer* teria passado. Conforme fomos pesquisando, nota-se que anterior ao desfile da coleção há algumas notas no caderno B (Caderno de Cultura) do *Jornal do Brasil* que se referiam ao desfile que aconteceria em Nova

¹¹ Figura 7 disponível em: < <https://www.zuzuangel.com.br/vestuario/vestido-luto-de-zuzuconjunto-com-xale-lenco-cinto-e-colar> > Acessado em: 16/01/2019.

York, no dia 7 de setembro de 1971, e que seria um marco na carreira de Zuzu Angel. Como a matéria já citada anteriormente do dia 19 de agosto de 1971, intitulada “Zuzu em Nova Iorque”, onde dizia que Zuzu Angel havia adiado seu desfile em alguns dias (JORNAL DO BRASIL, 19 de agosto de 1971, p. 49). O motivo, talvez, seria a mudança em algumas peças da coleção para servir ao propósito de uma moda de protesto.

Porém, após o desfile, as roupas não foram estampadas nas páginas do *Jornal do Brasil*, como eram mostradas as coleções anteriores, com fotos dos desfiles e imagens dos croquis¹². A única menção à *Internacional Dateline Collection III* seria uma pequena nota, também já citada acima, do dia 22 de setembro de 1971, intitulada “Os manequins de Zuzu”, onde falou-se sobre quais foram as modelos que desfilaram a coleção de Zuzu Angel, porém, sem muitos detalhes. Sem fotos e ilustrações das roupas, sem menção às mensagens implícitas e explícitas abordadas pela *designer* em suas roupas e sobre toda a simbologia do desfile. Pensamos na possibilidade de censura por parte da imprensa, que talvez não achasse politicamente viável noticiar sobre a estilista naquele momento de rebeldia política da mesma. Contudo, pesquisando em outros jornais, percebemos que alguns noticiaram sobre o desfile e a coleção, no entanto, passando por uma apurada (auto)censura, como podemos ver no jornal *O Globo*.

Figura 8 – Zuzu Angel e a sua passarinhada (1971)



Fonte: Acervo digital do Instituto Zuzu Angel¹³

A matéria do jornal *O Globo* intitulada “Zuzu Angel e a sua passarinhada” parece dar grande destaque para Zuzu Angel, à primeira vista, mostrando tanto a *designer*, quanto a filha

¹² Um **croquis** (palavra francesa eventualmente traduzida para o português como **croqui**, esboço ou rascunho) costuma se caracterizar como um desenho de **moda** ou um esboço qualquer.

¹³ Figura 8 disponível em: < <https://www.zuzuangel.com.br/documental/anuncio-da-fabricadona-isabel-illustrando-materia-da-internacional-dateline-collection-iii-no-jornal-o-globo> > Acessado em: 16/01/2019.

do prefeito de Nova York, Cathy Lindsay, que foi uma das modelos do desfile. Entretanto, lendo e analisando a matéria observamos que mesmo o jornal noticiando sobre Zuzu Angel e sua coleção, percebemos um silenciamento ali presente. Na matéria, o maior destaque se dá aos pássaros presentes na coleção, sem mencionar os outros elementos que também ornamentavam as vestimentas. No entanto, o que nos chama mais a atenção é a matéria afirmar que o desfile só possuiu dois momentos, o *Holiday* e o *Resort*, silenciando completamente o momento do desfile-protesto, que encerrou a apresentação da coleção. Desta forma, podemos pensar que, por maior que seja o destaque dado pelo jornal, o silenciamento político é ainda mais evidente.

Podemos então trabalhar analisando este caso como um processo de silenciamento de determinados atos cometidos por Zuzu Angel, e não uma completa censura do desfile, como acreditávamos ser no começo da pesquisa. A mídia continuou publicando matérias e notícias sobre a estilista e seus trabalhos, talvez com menos frequência do que antes de 1971, porém, ainda noticiando. Mas dentro disto notamos que de fato houve um silenciamento dos atos políticos cometidos por Zuzu Angel. Desta forma, podemos pensar que o desfile interferiu diretamente em sua vida profissional enquanto uma *designer* de Moda, positiva e negativamente? Acreditamos que sim, pois, mesmo com o silenciamento de seus atos políticos pela imprensa, o impacto que teve foi demasiado, tanto no âmbito da política, quanto no comercial, como podemos ver na matéria a seguir do *Jornal do Brasil* intitulada “Faturada”, de 24 de outubro de 1971.

Zuzu Angel voltou de Nova Iorque com sua conta bancária bem mais gorda de dólares. A *faturada* com a venda de suas últimas criações já anda pela casa de 150 mil dólares. A figurinista marcou para janeiro o lançamento ainda em Nova Iorque de uma nova linha de modelos mais acessíveis à bolsa das jovens: entre 40 e 80 dólares (JORNAL DO BRASIL, 24 de outubro de 1971, p. 3).

Observamos aqui o sucesso que Zuzu Angel estava fazendo internacionalmente, tanto no setor de Alta moda, quanto no setor do *Prêt-à-porter*, como notamos nesta matéria. O prestígio da *designer* já era nacional e internacional, e assim ela usou este poder de influência para denunciar o que estava acontecendo no Brasil, por meio de suas roupas. Tendo isso em vista, podemos afirmar e analisar a moda de Zuzu Angel como sendo de fato uma “moda política”, analisando o desfile e as próprias roupas? Do ponto de análise da vestimenta enquanto objeto comunicacional podemos analisar que aquelas roupas seriam políticas, entretanto, ainda do ponto de vista da moda enquanto objeto comunicacional, estas roupas poderiam passar por “roupas comuns” se quem estivesse assistindo o desfile não lesse aquelas

vestimentas enquanto um ato político, mesmo com toda a alegoria performática na qual Zuzu Angel transformou o desfile. Os vestidos brancos com artes *naif*, as braceiras de luto, o vestido preto, o cinto de crucifixos, tudo isto dá a abertura para o espectador ler aquelas roupas como políticas e envolvidas por um sentimento de luto, porém, a moda pode ser analisada enquanto uma linguagem, onde pode possuir diversas interpretações diferentes. Entretanto, o desfile da coleção funcionou efetivamente em sua busca pelo filho desaparecido?

Ao longo da pesquisa, percebemos que o viés de crítica política permaneceu nas coleções posteriores à *International Dateline Collection III*, onde Zuzu Angel queria trazer muitas vezes uma mulher mais independente, e ainda fazendo críticas ao governo militar brasileiro. Zuzu Angel continuava crescendo, ainda com essa moda para uma mulher mais autônoma, como ela disse na entrevista da matéria de jornal intitulada *A Nova Mulher de Zuzu Angel*, “A década de 70 trouxe uma nova mulher, aquela que sai profissionalmente, a mulher que tem uma nova dimensão da vida, a mulher que realmente acredita no que diz. É esta a mulher que eu quero que vista a minha roupa” (JORNAL DO BRASIL, 22 de agosto de 1972, p. 5). O sucesso nacional e internacional da *fashion designer* crescia, e em 1973 ela inaugurou sua *boutique* no bairro nobre do Leblon, no Rio de Janeiro. Como podemos ver, a maior “politização” que a *designer* deu para suas criações e o silenciamento que esta sofreu não derrocou em um desaparecimento dela nos ciclos sociais de prestígio da alta sociedade, pelo contrário, sua carreira continuou em ascensão. Ainda assim, com tudo isto acontecendo, sua busca pelo filho ainda continuava, quando em 1972 Zuzu Angel recebeu uma carta escrita pelo preso político Alex Polari de Alverga, onde descreveu as torturas que Stuart Angel sofreu estando preso, e depois sendo morto por agentes do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA).

Depois desse acontecimento, Zuzu Angel estaria em procura do corpo do filho, e não mais em procura do filho preso. Acontecimento este que influenciou na moda de Zuzu Angel, onde ela continuou com a simbologia nas roupas, característica das coleções anteriores. A partir de então, a busca de Zuzu Angel por justiça pelo filho se intensificou. Desta forma, ela utilizou alguns artifícios ao seu favor, como a cidadania norte-americana que o filho possuía, em razão do pai estrangeiro.

No entanto, a busca foi interrompida em 1976 quando a *designer* se envolveu em um acidente de carro em um túnel na cidade do Rio de Janeiro. No dia 14 de abril de 1976, Zuzu Angel, na versão oficial, dormiu ao volante e capotou o carro, morrendo na hora. Contudo, o

relatório é suspeito, assim como o relatório da Divisão de Segurança de Informações deixa tudo mais duvidoso.

A perícia médica não encontrou vestígios de álcool, mas um relatório preparado pela Divisão de Segurança de Informações (DSI), agência governamental de coleta de inteligência, assinalou o caráter politicamente explosivo das possíveis acusações de que alguém a tivesse assassinado. (GREEN, 2009, p. 426).

Neste relatório eles tentam reforçar a ideia de que Zuzu Angel havia dormido ao volante, porém, haviam os indícios de que a *designer* havia sido assassinada. Como é possível perceber na cópia da carta que estava anexada ao relatório, e que Zuzu Angel havia enviado para dezenas de amigos poucos meses antes do acidente, nas frases da estilista: “Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta, por acidente, assalto ou outro qualquer meio, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho”.

A resistência de Zuzu Angel e sua procura pelo filho que teve início em 1971 e terminou em 1976, foi uma longa jornada de enfrentamento às autoridades, com tentativas de driblar a censura, e de mostrar para o mundo o que estava acontecendo no Brasil por meio da sua arte, a moda. A sua procura por justiça foi brutalmente interrompida pelo mesmo regime militar que cessou a vida de seu filho e de dezenas de brasileiros que eram contrários ao governo, incluindo a própria *designer*, que lançaria ainda em 1976 sua oitava coleção internacional, chamada *Once Zuzu, Always Zuzu*.

Considerações finais

Como podemos compreender nesta pesquisa, a moda passou por construções e rupturas com ao longo dos anos. Sua construção enquanto um instrumento de divisão cultural, de gênero, e essencialmente de classe. E suas rupturas ao decorrer dos anos com o surgimento de alguns movimentos sociais e ascensão de outros, e também com a democratização do vestir, fruto do surgimento do *prêt-à-porter*. Observamos, então, um sistema de moda que estava passando por mudanças significativas, e isso inclui a indumentária no Brasil, onde despontavam costureiros e *designers* como Zuzu Angel, que foi de suma relevância no processo de descolonização da indumentária brasileira, tornando-se assim uma figura de valoroso respeito no âmbito da moda.

Abordamos neste trabalho a trajetória profissional e pessoal de Zuzu Angel enquanto uma *designer* de moda, assim como o contexto político e social do país influenciou em suas criações artísticas, principalmente em decorrência da prisão e morte de seu filho, Stuart Angel. Nos atentamos em trabalhar alguns aspectos teóricos, como a moda abordada enquanto

objeto e sujeito comunicacional, assim como linguagem do corpo, pela qual vestimos suas várias formas de poder de comunicação. nos fazendo transmitir mensagens a partir da vestimenta que usamos.

Analisamos aqui a moda da *designer* Zuzu Angel que foi fortemente influenciada pelo cenário da moda internacional e pela conjuntura política do Brasil. Dito isto, conseguimos aqui responder que de fato o desfile-protesto da estilista foi utilizando enquanto instrumento político, seja pelas roupas ali apresentadas, quanto por toda alegoria de luto e *performance* exibida na apresentação da coleção, como a própria Zuzu Angel aparecer ao desfecho do desfile para agradecer a presença dos convidados usando um vestido preto de luto adornado com um cinto feito de crucifixos.

Mediante o exposto, nos dispusemos a analisar e problematizar uma possível censura ao desfile e a coleção de Zuzu Angel intitulada *International Dateline Collection III*, e apresentada na cidade de Nova York em setembro de 1971, trazendo previamente a hipótese de que a *designer* havia sido censurada das páginas dos periódicos. No entanto, com o avançar da pesquisa, descobrimos e analisamos que de fato houve uma censura, contudo, não da forma que calculamos no início da pesquisa. A imprensa noticiou sobre o desfile e sobre a coleção, entretanto, exibindo e tratando somente o que seria politicamente viável para eles, e desta forma silenciando os atos políticos trabalhados por Zuzu Angel.

A *designer* de Moda foi silenciada dos jornais por meio da (auto) censura dos impressos, com ênfase na grande imprensa, como o *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Porém, o poder de comunicação que a moda possui foi empregado em favor da estilista, pois, mesmo com os jornais evitando comentar sobre a coleção, via-se na simbologia das roupas o manifesto artístico de denúncia da ditadura Civil-militar costurado por Zuzu Angel. Em suma, concluímos esta pesquisa enunciando algumas respostas sobre as hipóteses que tínhamos e percebendo que outras estavam equivocadas, como cogitar no princípio deste trabalho que Zuzu Angel havia sido “apagada” das matérias dos periódicos após o desfile-protesto. Portanto, aqui finalizamos uma pesquisa que tem a pretensão de contribuir minimamente para o debate da moda no campo da História, compreendendo sua importância e seu considerável papel enquanto fonte histórica para compreendermos os constructos socioculturais e políticos da sociedade.

Fontes

JORNAL DO BRASIL, 7 de agosto de 1966, p. 42

JORNAL DO BRASIL, 09 de março de 1967, p. 23

JORNAL DO BRASIL, 11 de agosto de 1971, p. 24

JORNAL DO BRASIL, 19 de agosto de 1971, p.49

JORNAL DO BRASIL, 22 de setembro, p.30

JORNAL DO BRASIL, 19 de agosto de 1971, p.49

JORNAL DO BRASIL, 24 de outubro de 1971, p. 3

JORNAL DO BRASIL, 22 de agosto de 1972, p. 5

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. **Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar**. In: SCHWARCS, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. V.4.

AQUINO, Maria Aparecida. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: o Estado de São Paulo e o movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível; Civilização material: economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CALADO, M; SILVA, J. H. Pais da. **Dicionário de Termos de Arte e Arquitetura**. Lisboa: Editora Presença, 2005.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2011.

CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **Glossário de terminologias do vestuário**. Brasília: Editora IFB, 2013.

FILHO, Daniel Aarão Reis. **Os muitos véus da impunidade: sociedade, tortura e ditadura no Brasil**. Arquivo – Gramsci e o Brasil. P. 1-9. agosto. 2013.

GREEN, James N. **Apesar de vocês: Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LACERDA, Carla Cristina D. **Moda como forma de protesto em desfile de Zuzu Angel: Nova York, setembro de 1971**. Monografia (especialização). Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes e Design. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

SANTOS, Gesiel Prado. **No mundo das aparências: uma análise do discurso publicitário da moda**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.